



ARTIGOS

articles

DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

PESQUISA LEXICOGRÁFICA DE LIBRAS NOS ESTADOS DO SUL E DO DISTRITO FEDERAL

Brazilian Sign Language lexicographic research
in Southern states and the Federal District

Antonielle Cantarelli Martins⁵
Fernando Cesar Capovilla⁶

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

O *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*, também conhecido como *Dic-Brasil*, descreve e ilustra um *corpus* de 14.600 sinais da Libras em complexas entradas lexicais individuais de sinais. O *corpus* cobre sinais de todas as regiões geográficas: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. O artigo discute aspectos da pesquisa lexicográfica conduzida com informantes surdos sinalizadores oriundos de comunidades surdas dos três estados da Região Sul e

⁵ Doutora em Psicologia pela USP. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: an.cantarellim@gmail.com.

⁶ Doutor em Experimental Psychology, Temple University, EUA. Docente no Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP). Apoio: Fapesp; Capes; Inep; Observatório da Educação. E-mail: fernando.capovilla@usp.br.

do Distrito Federal. O artigo descreve e discute alguns procedimentos envolvidos no levantamento bibliográfico, na elaboração de listas de sinais a serem coletados, na seleção de informantes surdos sinalizadores, e na coleta de sinais no campo com esses informantes. Ele também descreve e ilustra duas entradas lexicais típicas do dicionário. O propósito é ajudar outros pesquisadores interessados em pesquisa lexicográfica de Libras a se beneficiar da experiência dos autores.

Palavras-chave: Língua de Sinais. Língua de Sinais Brasileira. Libras. Lexicografia. Dicionário.

ABSTRACT

The *Brazilian Sign Language Dictionary: Libras at your hands* is originally titled *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. Nicknamed *Dic-Brasil*, it describes and illustrates a *corpus* of 14,600 Libras signs in complex individual sign lexical entries. The *corpus* covers all Brazilian geographic regions: South, Southeast, Central-West, Northeast, and North. The paper discusses aspects of the lexicographic research that was conducted with deaf informants from deaf communities living in all three southern states and in the Federal District as well. The article describes and discusses some procedures involved in bibliographical survey, elaboration of lists of signs to be collected, selection of deaf informants, and sign collection in the field with those informants. It also describes and illustrates two typical lexical entries. The purpose is helping other researches interested in Libras lexicography to benefit from the authors' experience.

Keywords: Sign Language. Brazilian Sign Language. Libras. Lexicography. Dictionary

INTRODUÇÃO

O *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA et al., 2017b, 2017c), aqui referido, abreviadamente, como *Dic-Brasil*, documenta 14.600 sinais da Língua de Si-

nais Brasileira (Libras). Ele é fruto de um vasto programa de pesquisas em lexicografia da Libras e cognição de surdos, iniciado em 1989 no Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental e constitui obra de referência e de importância crucial para a comunidade surda brasileira.

Este artigo sobre Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira sumaria brevemente suas principais características, e um pouco da pesquisa lexicográfica que deu origem a ele. O artigo descreve sucintamente a metodologia de pesquisa lexicográfica adotada para documentar os sinais da Libras da Região Sul e do Distrito Federal. Essa metodologia foi desenvolvida na década de 1990 no Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Lance-IP-USP), coordenado pelo segundo autor, e vem sendo usada desde então para a elaboração de todos os dicionários e enciclopédias e artigos científicos publicados pelo Lance-IP-USP nos últimos 25 anos. A metodologia aqui descrita compreende as fases de levantamento bibliográfico, elaboração de listas de sinais para serem coletados, seleção dos colaboradores surdos, e coleta no campo com informantes surdos sinalizadores filiados a organizações de surdos como a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis). O artigo é parte da tese de doutorado da primeira autora (MARTINS, 2017), conduzida sob orientação do segundo autor, com financiamento da Fapesp. O artigo termina descrevendo brevemente a composição das entradas lexicais de sinais do *Dic-Brasil*, a partir da adaptação de seção correspondente no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*.

METODOLOGIA DA PESQUISA LEXICOGRÁFICA

Levantamento bibliográfico

A etapa de levantamento bibliográfico é crucial a todo trabalho científico e influencia todas as subseqüentes etapas da pesquisa, dando suporte e embasamento teórico para o trabalho. Essa fase do estudo consistiu no levantamento de informações em livros, artigos e periódicos, tanto em Português quanto em Inglês, referentes a temas como a lexicografia geral e das línguas de sinais, a história das línguas de sinais e de sua lexicografia, os diversos dicionários e manuais

de língua de sinais. E também no levantamento das estratégias de que eles se valem para documentar os sinais, tais como o uso de ilustrações de forma e de significado dos sinais, os estilos de descrição da estrutura *sematossêmica* (i.e., pertinente à fonologia dos sinais) e morfológica dos sinais, o apelo à gestualidade e à iconicidade dos sinais, e assim por diante.

Foram consultados, também, dicionários *on-line* e apostilas de língua de sinais das regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil, cujo léxico a pesquisa se propôs a documentar. Todo o material recolhido foi submetido a uma seleção criteriosa junto a representantes de organizações de surdos. Esse levantamento revelou uma escassez de materiais referentes à lexicografia de Libras.

Foi feita uma consulta nas bases de dados compostas de apostilas impressas e fontes *on-line* dos sinais típicos dos três estados da região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), bem como da região Centro-Oeste (Distrito Federal) com o objetivo de verificar quais os sinais já estavam registrados de alguma forma no *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2012a, 2012b). Esse trabalho permitiu criar listas de verbetes para fazer comparações e identificar os sinais típicos que ainda não houvessem sido documentados, assim como variações regionais, e preparar a sua coleta. Esse levantamento auxiliou a classificar os sinais existentes em campos semânticos, e essa classificação auxiliou a identificar os sinais cruciais que ainda não haviam sido documentados em qualquer fonte.

Assim, a coleta de sinais para o registro do léxico foi feita por meio de apostilas impressas e *on-line*, interlocuções espontâneas em grupos de surdos, e demanda induzida por listas de sinais de importância crítica à educação, cidadania, cultura, esporte, saúde, emprego, moradia e vida cotidiana da população surda brasileira.

Elaboração de listas de sinais a serem coletados

Para a coleta dos sinais, foram confeccionadas várias listas de verbetes em Português. Na fase de coleta de dados, essas listas foram levadas a surdos informantes para que eles vertessem cada verbete em Português no correspondente sinal de Libras.

Os surdos convidados para serem informantes da pesquisa eram das mais variadas áreas acadêmicas. As listas de sinais a serem informados por eles eram preparadas de acordo com a área de cada um. Assim, estudantes surdos ou graduados surdos da área de Biologia eram chamados a informar sinais pertinentes a conceitos como célula, fauna, flora, vírus, animais, evolução das espécies e meio ambiente. Estudantes surdos ou graduados surdos da área de Psicologia eram chamados a informar sinais pertinentes a conceitos como transtornos psicológicos, modalidades terapêuticas, e assim por diante. Estudantes surdos ou graduados surdos da área de Jornalismo eram chamados a informar sinais pertinentes a conceitos de mídia, jornal, revista, Internet, e-mail, site, Google, Youtube, reportagem, repórter, canal, comunicação social, animações, personagens infantis e assim, por diante. O mesmo procedimento foi adotado com surdos de todas as outras áreas de saber acadêmico.

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais possuem variações linguísticas. Segundo Strobel e Fernandes (1998), essas variações podem ser entendidas por meio de sua história no tempo, em que a palavra ou sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que faz uso dessa palavra ou sinal. Variações regionais costumam ocorrer de um país a outro, de um estado a outro, de uma cidade a outra, e mesmo de uma área urbana a outra. Para contemplar isso, foram coletados sinais em diversas áreas com atenção a possíveis variações regionais.

Com sensibilidade a essas variantes linguísticas regionais, foram confeccionadas listas de verbetes relacionados a folclore, danças típicas, costumes típicos, principais cidades e universidades, comidas (e.g., churrasco, carreteiro, arroz com pequi), pessoas conhecidas (e.g., Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek), caráter do povo (e.g., gaúcho, candango), guerras (e.g., Guerra do Paraguai, Guerra dos Farrapos, Guerra do Contestado), datas comemorativas (e.g., 20 de setembro, 21 de abril), pontos turísticos (e.g., Lagoa dos Patos, Lagoa Mirim, Lagoa Mangueira, Lago do Paranoá) e costumes típicos. Quando os informantes surdos recebiam uma lista de verbetes em Português para produzir os sinais correspondentes em Libras, eles podiam nem sempre compreender o significado da palavra, porque o Português não é sua língua materna. Por isso,

o conceito de cada verbete contido na lista era discutido com eles para assegurar que informassem o melhor sinal correspondente ao conceito.

Além disso, dada a natureza visoespacial da cognição do surdo, as listas de conceitos continham frequentemente ilustrações relacionadas ao significado da palavra. Nessas ocasiões, os informantes surdos eram acompanhados na consulta dos verbetes correspondentes em dicionários de Português, e o significado dos verbetes era discutido com eles até que se chegasse a um consenso preciso de cada conceito alvo a ser sinalizado. Assegurado o pleno entendimento entre as partes, os informantes podiam demonstrar precisamente a articulação da forma do sinal que mais precisamente correspondesse a cada um dos conceitos alvo a serem sinalizados.

Seleção dos surdos informantes

Os surdos informantes eram sinalizadores nativos de destaque na comunidade surda. Eles trabalharam voluntariamente como informantes de sinais de suas respectivas áreas de expertise e interesse. Servindo como modelo, eles articulavam de modo natural cada um dos sinais alvo. Esses sinais eram filmados durante a coleta na pesquisa de campo, e posteriormente descritos e ilustrados pela equipe do Lance-IP-USP. A seleção dos informantes era feita por meio de consulta às universidades com alunos surdos matriculados. E também por meio de indicação de conhecidos da comunidade, associações, escolas e locais de convívio da comunidade surda durante a própria pesquisa de campo. Os surdos eram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária. Nesse convite eles eram informados acerca dos objetivos da pesquisa lexicográfica. Eles também eram informados de que poderiam participar de quantas sessões quisessem, de que as sessões teriam a duração que eles desejassem, e de que eles poderiam interromper a sessão a qualquer momento, sem qualquer problema. Os surdos que concordavam em participar como informantes assinavam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, então, a coleta efetivamente começava.

Participantes

Participaram como voluntários 24 surdos informantes. Destes, oito eram do Rio Grande do Sul, sete eram de Santa Catarina, quatro do Paraná, e cinco do Distrito Federal. Dos oito surdos do Rio Grande do Sul, quatro eram de Pelotas, dois de Porto Alegre, e dois de Caxias do Sul. Dos sete surdos de Santa Catarina, um era de Blumenau e seis de Florianópolis. Dos quatro surdos do Paraná, um era Maringá, um de Cascavel, um de Guarapuava e um de Curitiba. Dos cinco surdos do Distrito Federal, todos de Brasília, instrutores de Libras, sendo dois deles vinculados a Programas de Pós-Graduação.

Pesquisa de campo

A pesquisa de campo para o presente registro lexicográfico consistiu em observação e registro direto das produções de sinalizadores nativos da Libras. Nos encontros, os informantes eram convidados a indicar conhecidos, colegas e amigos surdos que, assim como eles, eventualmente pudessem participar da pesquisa. Eles eram também convidados a indicar materiais com algum registro impresso dos sinais de sua área. Durante a coleta de campo, as listas previamente preparadas acabavam sendo sempre ampliadas, para incluir outras áreas de conhecimento e atividades dos informantes, tais como lazer, cultura, esportes, expressão artística, hobbies e assim por diante. Eram conduzidas frequentes reuniões em grupo, usualmente com três informantes surdos de diferentes regiões. Durante essas reuniões, as diferenças regionais nas formas dos sinais eram exploradas e explicitadas, acordadas entre os surdos do grupo e, então, filmadas. A filmagem era sempre feita em locais isolados, bem iluminados, silenciosos e com fundo neutro.

Procedimentos

Para filmagem em campo, foram empregadas câmeras filmadoras digitais. Para registro e armazenamento de filmes digitalizados foram usados DVDs e pendrives. O processamento e a edição dos filmes eram feitos por meio de microcomputadores Pentium com auxílio dos softwares de exibição *Quick Time* e *Windows Media Player* e do software de edição *Windows Movie Maker*.

Na data e no local marcados, a lista confeccionada especialmente para cada informante surdo era apresentada e discutida sistematicamente, verbete a verbete, com ele. As palavras eram consultadas em dicionários *on-line* e em dicionários impressos. Quando, ao cabo de grandes esforços, o sinal em Libras equivalente à palavra-alvo não era encontrado, o verbete acabava sendo descartado. Durante essa discussão, frequentemente surgiam novos sinais que ainda não haviam sido listados. Esses sinais eram, então, adicionados à lista e devidamente filmados.

No local escolhido para a filmagem, a câmera filmadora era posicionada sobre o tripé a uma distância de dois a três metros de uma parede branca, com iluminação natural, suplementada pela artificial, sempre que necessário. Como surdos tendem a trabalhar muito com vídeo, vários informantes já dispunham de um pequeno estúdio de filmagem em sua casa, e esses estúdios eram, então, usados com a permissão deles.

Cada surdo tinha sua preferência quanto ao processo de filmagem. Alguns preferiam decorar blocos de sinais antes de reproduzi-los; outros preferiam ficar com a lista de sinais em um suporte ao lado. Essas listas eram impressas ou abertas em um documento do Word em um notebook. Outros surdos, com habilidade de leitura orofacial, preferiam articular os sinais em resposta à articulação do verbete correspondente pela pesquisadora, que ficava atrás da câmera. Em todos os casos, o informante surdo posicionava-se de frente à câmera e de costas para a parede e, então, articulava os sinais, da forma que se sentisse mais à vontade.

Análise dos sinais

Ao cabo das filmagens, os arquivos digitalizados contendo os sinais eram levados ao Lance-IP-USP para análise, onde a equipe fazia a descrição de sua forma. Depois de terem a sua forma devidamente descrita, os sinais (i.e., suas filmagens digitalizadas e suas descrições) eram enviados a uma equipe de ilustradores, que confeccionavam a ilustração da forma dos sinais, sob orientação dos coautores. Os ilustradores eram bolsistas de Iniciação Científica da USP, no Programa Observatório da Educação do Consórcio Capes-Inep, coordenado pelo segundo autor. Eles eram oriundos de cursos

como: Arquitetura, Artes Plásticas e Design Gráfico. Cada um deles trabalhou no Lance-IP-USP por um período de doze meses a seis anos. Todos eles passaram por treinamento sistemático no Lance-IP-USP quando aprenderam a confeccionar ilustrações da forma do sinal. Todas as ilustrações produzidas foram avaliadas pela equipe e, sempre que necessário, eram devolvidas ao ilustrador para que ele processasse as correções necessárias. Quando tudo estivesse correto, as imagens eram digitalizadas por meio de escâner de mesa. Em seguida, as setas indicativas de movimento eram adicionadas a cada estágio de cada sinal.

Terminado todo esse trabalho de descrição e ilustração da forma dos sinais (i.e, sua estrutura *Sematosêmica*) em estágios e com a adição de setas indicativas de direção e frequência de movimentos, essa documentação completa de cada sinal era enviada a surdos especialistas no sistema de escrita visual direta *SignWriting* (CAPOVILLA; SUTTON; WÖHRMANN, 2012) para que escrevessem os sinais usando esse sistema de escrita de sinais.

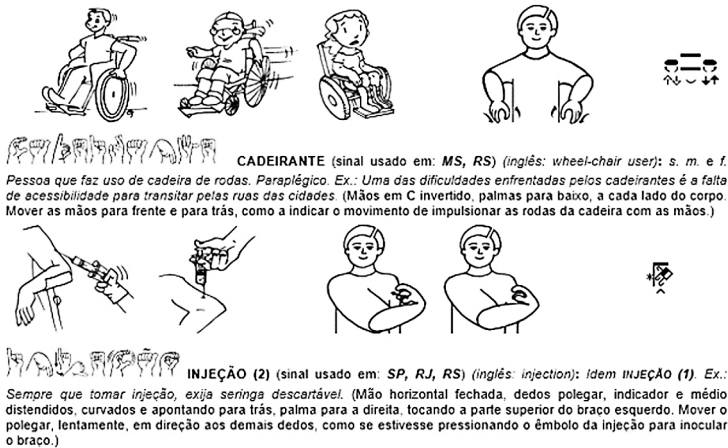
RESULTADOS: A INCORPORAÇÃO DOS SINAIS DA REGIÃO SUL E DO DISTRITO FEDERAL AO DICIONÁRIO DA LÍNGUA DE SINAIS DO BRASIL: A LIBRAS EM SUAS MÃOS

Na primeira fase da pesquisa foram coletados 2.869 sinais da Libras nas principais cidades do estado do Rio Grande do Sul. Na cidade de Pelotas, foram coletados 1.374 sinais; em Porto Alegre, 555 sinais; em Caxias do Sul, 593 sinais; e em Santa Maria, 407 sinais. Destes, cerca de 500 sinais foram incluídos no *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2012a; 2012b).

Na segunda fase da pesquisa foram coletados 3.235 sinais da Libras, sendo 231 sinais do estado do Rio Grande do Sul, 1.523 sinais do estado de Santa Catarina, 578 sinais do estado do Paraná e 903 sinais do Distrito Federal. Portanto, na totalidade do trabalho de pesquisa, foi documentado um total de aproximadamente 6.104 sinais de Libras. Destes, cerca de 4.500 sinais foram incluídos ou validados para a Região Sul no *Dic-Brasil* (CAPOVILLA *et al.*, 2017a, 2017b, 2017c).

A metodologia de pesquisa lexicográfica descrita acima culminou na incorporação dos sinais da Região Sul e do Distrito Federal ao *Dic-Brasil*. Como ilustrado na Figura 1, o *Dic-Brasil* documenta os sinais de Libras em entradas lexicais bastante elaboradas.

Cada entrada lexical fornece os seguintes elementos:



1. Soletração digital (datilologia) do verbete. Essa datilologia usa caracteres especiais da fonte Capovilla-Raphael para soletração digital em Libras da palavra do Português correspondente ao sinal de Libras;
2. Ilustração do significado do sinal e dos verbetes a ele associados. Essa ilustração de significado permite à criança surda apreender diretamente o sentido ou significado do sinal sem depender da leitura do Português. Isso facilita a memorização do sinal e dos verbetes correspondentes em Português e Inglês, bem como o uso cotidiano do sinal e desses verbetes. A cada entrada são fornecidas de uma a quatro ilustrações de significado.
3. Ilustração da forma do sinal em estágios de movimento e com setas de movimento. Essa ilustração da forma aparece logo à direita da ilustração do significado do sinal. Ela mostra a sequência temporal de estágios que compõem o sinal, e permite apreender melhor a sequência de unidades sublexicais que compõem o sinal. Quando a ilustração do significado do sinal se encontra

ao lado da ilustração da forma desse sinal, a inspeção dessa ilustração de significado frequentemente revela similaridade entre a forma do sinal e a forma do objeto ou do comportamento por ele representado. De fato, como ilustrado na Figura 1, no sinal CADEIRANTE, as mãos em C invertido, palmas para baixo, a cada lado do corpo, se movem para frente e para trás, como a indicar o movimento de impulsionar as rodas da cadeira de rodas; no sinal INJEÇÃO, a mão dominante aparenta segurar uma seringa na altura do ombro, e mover o polegar lentamente em direção aos demais dedos como se estivesse empurrando o êmbolo da seringa e aplicando, assim, uma injeção intramuscular. Ao emparelhar a ilustração do significado de um sinal com a ilustração da forma desse sinal, o *Dic-Brasil* revela as origens representacionais icônicas de muitas centenas de sinais de Libras, nos casos em que ela existe, permitindo ao leitor perceber espontaneamente o grau em que o sinal mapeia, ponto a ponto, as propriedades formais daquilo que ele representa. Contudo, a semelhança entre a forma do sinal e a forma do significado é apenas um dos aspectos pertinentes a um dado subconjunto de sinais que fazem uso de representação analógica do significado.

4. Escrita visual direta do sinal em *SignWriting*. Essa escrita visual direta de sinais aparece logo à direita da ilustração da forma do sinal. Ela permite escrever qualquer sinal de qualquer língua de sinais. Segundo Capovilla, Sutton e Whoermann (2012), depois de aprender a ler sinais em *SignWriting*, a criança surda passa a experimentar o texto como se estivesse assistindo à própria sinalização ao vivo. É o mesmo que ocorre com a criança ouvinte que, depois de ser alfabetizada e adquirir fluência em fazer decifração de grafemas em fonemas, passa a experimentar o texto como se estivesse ouvindo a si mesma a declamá-lo. A escrita visual direta de sinais passa a sinalizar de modo direto à mente da criança surda como se ela estivesse assistindo à sinalização ao vivo, assim como a escrita alfabética passa a falar diretamente à mente da criança ouvinte como se ela estivesse ouvindo a declamação do texto pelo próprio autor.
5. Verbetes do Português e do Inglês que correspondem ao sinal de Libras. Esses verbetes aparecem em negrito logo depois da

soletração digital do verbete principal. Os diversos verbetes em Português que se aplicam ao sinal permitem indexar alfabeticamente esse sinal. Depois de cada verbete em Português, aparecem os diversos verbetes em Inglês correspondentes a cada um deles. Esse arranjo permite cifrar entre Libras e Português, e entre Libras e Inglês.

6. Identificação de diferentes formas de sinais para um mesmo significado. Essa identificação é feita por números entre parênteses após os verbetes: Quando há mais de um sinal para o mesmo verbete, os sinais são numerados como **(1)**, **(2)**, **(3)** etc. Essa numeração permite distinguir entre formas diferentes de sinais que correspondem a um mesmo verbete com significados diferentes ou com um mesmo significado, mas com procedências (estados de origem) diferentes.
7. Explicações ulteriores. Tais explicações aparecem entre parênteses, após os verbetes: Alguns verbetes são seguidos de uma explicação ou de um complemento que aparece entre parênteses, em negrito e itálico. Seus propósitos são (1) especificar o significado preciso do verbete para evitar ambiguidades; (2) estabelecer distinção entre verbetes iguais com significados diferentes; (3) especificar a natureza informal de um sinal que é usado como gíria. Sempre que um sinal tenha sido criado por um determinado grupo social e estendido a outros devido à sua expressividade, a palavra ***gíria*** aparece ao seu lado, entre parênteses, em negrito e itálico.
8. Classificadores. Os classificadores são indicados pela sigla ***CL*** após o verbete, entre parênteses, em negrito e itálico: ***(CL)***. O conceito de classificador diz respeito aos diferentes modos como um sinal é produzido, dependendo das propriedades físicas específicas do referente que ele representa. Os classificadores geralmente representam algumas características físicas do referente como seu tamanho e forma, ou seu comportamento ou movimento, o que confere grande flexibilidade denotativa e conotativa aos sinais.
9. Verbetes em Inglês. Esses verbetes em Inglês encontram-se em itálico, entre parênteses e precedidos da palavra *inglês*, também em itálico.

- 10.** Numeração sequencial de verbetes com mesmo significado que aparecem mais de uma vez. Quando há mais de um sinal de Libras para o mesmo verbete do Português, as ocorrências desse verbete são numeradas sequencialmente. Nesses casos, em vez de o leitor encontrar novamente a classificação e a definição, ele encontra o termo *Idem*, em itálico, seguido do nome e do número do verbete, em negrito e em itálico.
- 11.** Escopo de validade do sinal. Logo após o verbete, aparece, entre parênteses, o escopo de validade do sinal em termos do(s) estado(s) brasileiro(s) em que ele é empregado correntemente. Esse escopo inclui sinais dos seguintes estados: SP, RJ, MG, MS, SC, PR, RS, DF, AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN, SE, PA, além do Curso Letras-Libras. Embora um dado sinal possa ser empregado em diversos outros estados além dos estados que se encontram listados na entrada, esses estados listados são aqueles em relação aos quais foi encontrada documentação lexicográfica segura acerca do uso corrente do sinal naqueles estados.
- 12.** Classificação gramatical dos verbetes em Português. Logo após o verbete em Inglês, aparece a classificação gramatical do verbete em Português. Isso permite ao surdo compreender o comportamento das palavras do Português e aprender a usá-las adequadamente. A classificação gramatical dos verbetes em Português aperfeiçoa a compreensão do comportamento das palavras do Português e dos sinais de Libras, contribuindo para aperfeiçoar a compreensão e a produção de sentenças em Português.
- 13.** Definição do significado representado pelo sinal e pelos verbetes do Português e do Inglês. Logo depois da classificação gramatical, aparece a definição do significado representado pelo sinal e pelos verbetes do Português e do Inglês, o que permite ao surdo aumentar o seu conhecimento de mundo, bem como de Libras, de Português e de Inglês. A definição do verbete aparece em itálico e é sempre feita conforme o seu significado em Libras.
- 14.** Exemplos do uso linguístico apropriado dos verbetes correspondentes ao sinal. Logo depois da descrição do significado do sinal aparecem exemplos que ilustram seu uso linguístico apropriado cotidiano em frases escritas em Português. Isso

permite ao surdo usar corretamente as palavras do Português correspondentes aos sinais de Libras, e, aos ouvintes, usar corretamente os sinais de Libras correspondentes às palavras do Português.

15. Descrição detalhada e sistemática da forma do sinal. Essa descrição é feita a partir da análise da composição de suas unidades mínimas. Ela permite reproduzir o sinal de modo preciso e sem ambiguidade: logo depois da frase que ilustra o uso linguístico apropriado do sinal e do verbete, aparece uma descrição detalhada e sistemática da forma do sinal no nível de sua composição *sematosêmica*.
16. Explicação sistemática da descrição da composição *sematosêmica* dos sinais. Os quatro elementos da descrição da forma do sinal: As descrições *das unidades mínimas* descrevem detalhadamente como articular o sinal e especificam os seguintes elementos: a articulação da(s) mão(s) e do(s) braço(s), a orientação das palmas, o local dessa articulação em relação ao corpo, o movimento no espaço da sinalização (i.e., o tipo, a amplitude, a velocidade, a frequência, a intensidade e a duração) e a expressão facial associada. Na classificação a seguir, para cada elemento básico dos sinais, são fornecidas as principais variáveis e seus respectivos valores.
17. Descrição da forma do sinal. Essa descrição é feita a partir da análise de sua composição morfêmica, que permite apreciar a sua origem (etimologia) e transparência denotativa (iconicidade): logo depois da descrição da forma do sinal, pode aparecer a descrição no nível *morfêmico*. Como os *morfemas* são as menores unidades de significado, a enumeração dos *morfemas* que compõem o sinal permite uma apreensão mais profunda do significado codificado no sinal. Essa descrição é feita nas seções intituladas *Etimologia* e *Iconicidade*, que aparecem negritadas e em fonte levemente menor.

A seção *Etimologia* divide-se em duas subseções: a de *Morfologia* e a de *Iconicidade*. A seção *Morfologia* analisa a estrutura *morfêmica* do sinal em termos de alguns dos *morfemas* moleculares (BRENNAN, 1990) que o compõem, e enumera vários sinais que compartilham esses mesmos *morfemas* moleculares (CAPOVILLA;

MAURICIO; RAPHAEL, 2009; CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2012a, 2012b). Isso permite apreciar o parentesco semântico entre o sinal da entrada e diversos outros sinais semanticamente aparentados e que compartilham alguns desses mesmos *morfemas* moleculares. A seção *Iconicidade* analisa e descreve como o sinal representa seu significado. Ela revela a relação entre a forma do sinal e a forma do referente a partir de uma lógica analógica do tipo “como se”, que é típica do processamento cognitivo pelo hemisfério cerebral direito, permitindo apreender de um modo intuitivo o significado que está por trás da forma do sinal. Revelando as estratégias de representação analógica que materializam o significado do sinal diante dos olhos do observador, essa seção provê experiências de familiaridade íntima e intuitiva com a linguagem figurativa e metafórica dos sinais, permitindo ao observador construir um modo de apreensão fenomenológica imediata do significado dos sinais.

Todas essas características fazem deste dicionário uma obra de consulta essencial para a população surda brasileira e a cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

BRENNAN, M. *Word-formation in British Sign Language*. Stockholm, Sweden: Stockholm University Press, 1990.

CAPOVILLA, F. C.; MAURICIO, A. C.; RAPHAEL, W. D. Metaneuropsicolinguística cognitiva da representação mental: Desenvolvimento do raciocínio neuropsicolinguístico para compreender as figuras de linguagem numa língua figurativa – O caso da análise da estrutura morfêmica molecular e molar de Libras. In: MONTIEL, J. M.; CAPOVILLA, F. C. (Orgs.), *Atualização em transtornos de aprendizagem*. São Paulo: Artes Médicas, 2009, p. 407-474.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. (Org.). *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1, 2.ed.* São Paulo: Edusp, 2012a.

_____. *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 2, 2.ed. São Paulo: Edusp, 2012b.*

CAPOVILLA, F. C. et al. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos. Volume 1: Sinais de A a D. São Paulo: Edusp, 2017a.*

_____. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos. Volume 2: Sinais de E a O. São Paulo: Edusp, 2017b.*

_____. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos. Volume 3: Sinais de P a Z. São Paulo: Edusp, 2017c.*

CAPOVILLA, F. C.; SUTTON, V.; WÖHRMANN, S. Como ler e escrever os sinais de Libras: A escrita visual direta de sinais SignWriting, e como escrever a articulação visível do Português falado: A escrita visual direta da fala SpeechWriting. In: AUTOR (Org.), *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1, 3. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2015, p. 167-228.*

MARTINS, A. C. *Lexicografia, metalexigrafia e a natureza da iconicidade da Língua de Sinais Brasileira, 2017, 361 p. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.*

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Libras: Língua Brasileira de Sinais. Secretaria do Estado da Educação, Departamento de Educação Especial, Curitiba, Paraná, 1998.*